



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA

DEYSI MAIA CLAIR KOSVOSKI

LINGUAGEM ESTÉTICA E ALTERIDADE:
A RESPONSABILIDADE COM O OUTRO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

FLORIANÓPOLIS

2019

Deysi Maia Clair Kosvoski

**LINGUAGEM ESTÉTICA E ALTERIDADE:
A RESPONSABILIDADE COM O OUTRO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Monografia de Especialização em Linguagens e Educação a Distância do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina apresentado como requisito para a obtenção do Título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristine Gorski Severo
Coorientadora: Prof.^a Sara Farias da Silva

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

KOSVOSKI, Deysi Maia Clair

Linguagem Estética e Alteridade: A responsabilidade do outro na educação a distância / Deysi Maia Clair
KOSVOSKI; orientadora, Cristine Görski Severo, coorientadora, Sara da Silva, 2019.

36 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Blumenau, Curso de Especialização em Linguagem e Educação a Distância, Blumenau, 2019.

Inclui referências. 1.Educação. 3. Educação a Distância. 4. Linguagem. 5. Alteridade. 6. Estética. I. Severo, Cristine Görski. II. Silva, Sara da. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização em Linguagem e Educação a Distância. IV. Título.

Deysi Maia Clair Kosvoski

Linguagem Estética e Alteridade:

a responsabilidade com o outro na educação a distância

O presente trabalho em nível de Especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros

_Prof.^a Christiane da Silva Dias, M.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Nathalia Müller Camozzato, M.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Prof. Dr. Celdon Fritzen
Coordenador do Curso

Assinado de forma digital por Cristine
Gorski Severo:01842012924
Dados: 2019.08.19 17:14:07 -03'00'

Prof.^a Cristine Gorski Severo, Dr.^a
Orientadora

Sara Farias da
Silva:04447872919

Assinado de forma digital por Sara
Farias da Silva:04447872919
Dados: 2019.08.19 16:24:46 -03'00'

Prof.^a Sara Farias da Silva, Dr.^a
Coorientadora

Florianópolis, 01 de agosto de 2019

Dedico este trabalho ao meu amado Jandir, c4njuge amigo e companheiro de caminhada, do qual tenho muita admira43o e para o qual destino meus melhores sentimentos afetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, ao meu cônjuge Jandir, ao meu filho Augusto, a minha filha Gabriela e meu genro Everton, que muito me apoiaram e colaboraram comigo nos momentos mais difíceis desta caminhada, sou muito grata a vocês meus queridos.

Sou muito grata também a minha orientadora e coorientadora, respectivamente, as queridas professoras Cristine Görski Severo e Sara Farias da Silva que sempre me animaram e apoiaram em todos os momentos.

Agradeço a UFSC e a UAB, na pessoa do Professor Coordenador Celdon Fritzen pela grande oportunidade de aprendizagem com os renomados professores: Tânia Regina Oliveira Ramos, Roberta Pires de Oliveira, Sandro Braga, Salma Ferraz, Ana Lúvia Agostinho, Susan Aparecida de Oliveira, Marco Antonio Esteves da Rocha, Josias Ricardo Hack e Alckmar Luiz dos Santos, muito grata a todos pelos ricos ensinamentos.

“O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade” (BAKHTIN, 1997a).

RESUMO

Com este trabalho de conclusão de curso apresento uma reflexão sobre como estar sensível à alteridade por meio da linguagem pode afetar o outro em sua singularidade e fazê-lo sentir-se acolhido, reconhecido ou caso contrário sentir-se negado, em um curso de Educação a Distância - EaD. Considerando o crescente número de cursos de todos os níveis dessa modalidade, nos quais as relações dialógicas contribuem para as intersubjetivações necessárias ao desenvolvimento humano, faz-se necessário incentivar crescimento formativo subjetivo além do teórico, técnico e prático. A falta desse crescimento formativo subjetivo, fragmenta o ser humano, faz dele o algoz de si e interfere em seu próprio desenvolvimento, pois ocorre a evolução do tecnicismo em sobreposição à humanização do ser. Para chegar ao objetivo será realizada pesquisa exploratória bibliográfica à luz do pensamento teórico dos autores Nadja Hermann e Mikhail Bakhtin, dentre outros. Em diálogo com esses autores, foram realizados levantamentos dos conceitos, oriundos e circulantes pela EaD. Ao final deste estudo, busca-se averiguar a maneira como uma perspectiva dialógica pode contribuir com o contexto EaD, principalmente no que se refere ao desenvolvimento formativo humano.

Palavras-chave: Linguagem. Alteridade. Educação a Distância.

ABSTRACT

In this final paper is presented a reflection on how being sensitive to alterity through language can affect the other in their uniqueness and make them feel welcomed, acknowledged, or otherwise denied in a Distance Education course. Considering the growing number of courses of all levels in this modality, in which dialogic relations contribute to the necessary intersubjectivations for human development, it is necessary to encourage subjective formative growth beyond the theoretical, technical and practical. The lack of this subjective formative growth fragments the human being, makes him the tormentor of himself and interferes with his own development, since the evolution of technicism overlaps with the humanization of the human being. To reach the objective, an exploratory bibliographic research will be conducted in the light of the theoretical thinking of the authors Nadja Hermann and Mikhail Bakhtin, among others. In dialogue with these authors, surveys of the concepts, originating and circulating by distance education were performed. At the end of this study, we seek to investigate how a dialogical perspective can contribute to the distance education context, especially with regard to human formative development.

Keywords: Language. Otherness. Distance education.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. PRIMEIRAS PALAVRAS..... | 11 |
| 2. CAPÍTULO I – DISCUSSÃO TEÓRICA..... | 13 |
| 2.1 O SUJEITO..... | 14 |
| 2.2 RELAÇÕES DIALÓGICAS..... | 16 |
| 2.3 INTERSUBJETIVIDADE E SOCIEDADE..... | 19 |
| 2.4 ESTÉTICA E LINGUAGEM..... | 21 |
| 3. CAPÍTULO II – ANÁLISES..... | 24 |
| 3.1 PERCURSO HISTÓRICO DA EAD E O SER HUMANO..... | 24 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 33 |
| REFERÊNCIAS..... | 35 |

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

“O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se” (BAKHTIN, 1997a).

O tema deste estudo foi idealizado durante as atividades dos módulos disciplinares em observação das pessoas envolvidas com a linguagem de forma social-cultural-interacional expostas à tecnologia disponibilizada pela Especialização em Linguagem e Educação a Distância (UAB/UFSC – 2017/2019).

Mais do que um sistema de comunicação simbólica, compreendi que o sistema é, para Bakhtin (2003), constituinte do ser humano em sua realidade intersubjetiva e sociocultural e, na concepção de Hermann (2014a, p. 488), “a linguagem é uma forma de vida que permite uma abertura ao outro”. Assim, as atividades humanas em relações de alteridade se organizam em coordenações dialógicas de conduta.

A ideia de dialogar com estes autores parte de suas considerações a respeito do humano e da relevância da linguagem na interação. Respeito a posição de Nadja Hermann sobre a educação a distância, e também levo em consideração que Bakhtin não tenha conhecido a EaD da forma tecnológica como é hoje. Entretanto, os dois autores, em algum momento de suas vidas, já se comunicaram à distância, como por cartas, por exemplo, nas quais a linguagem foi produzida para ser lida e respondida, e isto me fez perceber o aspecto dialógico da linguagem em Bakhtin (1997a) e a alteridade na linguagem em Hermann (2014). O que me faz trazê-los ao diálogo, não é tanto a EaD em si, mas o pensar no humano que cursa a EaD e dela necessita, gosta e utiliza.

Nesse sentido, este estudo traz como objetivos: i. a reflexão sobre como a linguagem pode afetar o outro em sua singularidade, ou seja, a sensibilidade no trato com o outro pode fazer com que este se sinta acolhido e sua aprendizagem ocorra animosamente; ou, diferentemente, o outro pode se sentir negado por se perceber tolerado – visto que “tolerar” é suportar sem aceitar de fato –, ao ponto de renunciar ao curso. Além disso, ii. compreender como as relações de alteridade podem humanizar os cursos EaD; iii. reconhecer se as relações dialógicas, de sensibilidade estética e de alteridade, estão presentes na história e nos documentos legais da EaD; e iv. procurar os fatores que determinam o reconhecimento ou negação do outro em cursos EaD. Também queremos investigar se há algo teórico no percurso histórico que referencie a educação a distância importando-se com o humano.

Dessa forma, me interessa, também compreender como o agir com alteridade pode desencadear a humanização na autoformação por meio da educação a distância, e como a EaD se preocupou ao longo da história com a humanização nos seus processos educativos. Por meio desta humanização, trata-se de reconhecer as relações dialógicas, de sensibilidade estética e de alteridade com o outro na EaD e levantar os fatores que levam à determinação de reconhecimento ou negação do outro em situações de aprendizagem na EaD. Serão trazidos como objetivos específicos os conceitos e teorias dos autores Bakhtin e Hermann, cujo pensamento será contextualizado com a atualidade da educação.

A metodologia seguirá a pesquisa bibliográfica qualitativa com análise de conteúdo (TRIVIÑOS, 1987; GIL, 1999; BARDIN, 2010; OLIVEIRA, 2016), à luz dos autores Nadja Hermann e Mikhail Bakhtin, dentre outros. Segundo Triviños (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, tendo como alvo intuir as consequências.

Ainda de acordo com esse autor, é desejável que a pesquisa qualitativa tenha como característica a busca. Por Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. Após esses estudos teremos um aprimoramento de ideias, cuja análise será o levantamento de questões para a melhoria do crescimento formativo do aluno EaD.

Deseja-se alcançar intencionalmente os seres humanos ligados à EaD: quem cursa, quem produz o material, os técnicos e tecnólogos da informática, professores e administradores, para que possamos construir uma EaD “humanizada”, como dizia Paulo Freire (1979). Para esse estudo serão trazidos ao diálogo, principalmente, as contribuições de Nadja Hermann, com as obras “Autocriação e Horizonte Comum” (2010) e “Ética e Educação: outra sensibilidade” (2014); e também de Mikhail Bakhtin, no campo da Linguística da Enunciação, na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (1997). Seja sob a assinatura de Bakhtin, Bakhtin /Voloshinov ou Medvedev, trata-se de desenvolver perspectivas enunciativas da linguagem, nas quais se encontra a descrição de alteridade, por meio da discussão sobre a concepção dialógica da linguagem (o discurso, a enunciação e a palavra). Em sua obra “Estética da Criação Verbal (1997)”, Bakhtin apresenta a estética como uma criação artística e ética, conforme as interpretações das obras de Dostoiévski e de Rabelais; além disso, o autor aborda, a relação

dialógica do autor com o herói a partir do campo “interacional” (BAKHTIN, 1997b). Para a contextualização com a EaD o autor Josias Ricardo Hack faz reflexões em suas obras “Introdução à Educação a Distância” (2011) e a “Afetividade na Educação a Distância” (2016), sobre conceitos que corroboram com Bakhtin e Hermann.

Este estudo está organizado em capítulos, sendo o primeiro introdutório ao tema, com a discussão teórica sobre os conceitos de sujeito, relações dialógicas, intersubjetividade, sociedade e linguagem, com convergências e divergências entre os autores Bakhtin e Hermann. O segundo capítulo discute educação a distância a partir dos aspectos dialógicos conceituados. Por fim, há, no terceiro capítulo, as considerações sobre as reflexões construídas a partir das teorias com análises de toda a discussão.

O ponto central da investigação neste trabalho se mantém em torno da linguagem e a dialogia em interação entre ‘eu-outro’ na educação a distância. A linguagem neste estudo se configura nos relacionamentos intersubjetivos que acontecem nos processos de aprendizagem à distância. Acredito que e esses relacionamentos dialógicos, se forem em alteridade – ou seja, que ao dialogar com seu interlocutor possa existir abertura ao que vem do outro e com respeito às singularidades –, geram aproximações dos estudantes, por suas humanidades, envolvendo-os em significantes aprendizagens.

Dessa forma, este trabalho traz a questão: a alteridade e o reconhecimento da singularidade estabelecem relações dialógicas repercutem no outro de forma a reconhecê-lo ou a negá-lo? Quais reflexões, considerando a linguagem estética e alteridade, contribuem para as intersubjetivações necessárias ao desenvolvimento humano por meio da educação a distância? Para melhor entendimento dos caminhos investigados, explica-se que as reflexões filosóficas dos autores Bakhtin e Hermann se aproximam em sentido e se distanciam na prática, mas se unem em essência e se mostram atualíssimos em relação a este estudo ligado à educação a distância.

2 CAPÍTULO I - DISCUSSÃO TEÓRICA

“O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata”
(BAKHTIN, 1997a).

O crescente número de cursos e níveis de formação à distância, com os formatos das relações dialógicas próprias dessa modalidade, contribuem para as intersubjetivações

necessárias ao desenvolvimento humano. A sensibilidade humana é evidente, por exemplo, na escolha de palavras, que ajudam a construir as relações dialógicas em processos de aprendizagem à distância, estabelecendo vínculos de acolhimento, cooperação e compreensão do outro. Esses aspectos são os suportes necessários ao convívio social e possibilitam, além do crescimento formativo, teórico, técnico e prático, o crescimento subjetivo. A alteridade manifestada pela linguagem sensível afeta e atinge o outro em sua singularidade e pode fazê-lo sentir-se acolhido e reconhecido. Já a falta de relações dialógicas consensuais fragmenta o ser humano e faz dele o algoz de si e, por isso, interfere em seu desenvolvimento formativo.

A abordagem da teoria de Bakhtin se faz na interpretação de sua sensibilidade ao dialogismo contido em suas obras. Não se trata de Linguística Aplicada e, sim, de sua concepção de alteridade inscrita na enunciação e dos recursos teóricos conceituais dialógicos de seu pensamento como um todo. Ao unir em discussão Bakhtin e Hermann autores de épocas distintas, embora com valorações muito similares, este estudo apresenta um olhar diferenciado na forma de tratar o outro, na EaD.

2.1 O SUJEITO

O ser humano se constitui ‘sujeito’ na linguagem e por meio da linguagem porque só a linguagem fundamenta sua consciência de se fazer humano. A consciência de si mesmo acontece mediante a presença do outro. Assim, a existência do ‘eu’ sugere um diálogo experienciado, em que cada locutor apareça como sujeito. Os sujeitos em interação verbal empreendem um processo ativo e responsivo em torno do diálogo, porém os sujeitos são passíveis de discordâncias e podem, também, apresentar dificuldades em relacionamentos estabelecidos em grupos de aprendizagens.

O sujeito, para Bakhtin, é aquele “enunciador ou interlocutor” ativamente compreensivo na atividade dialógica do processo de comunicação, em que a resposta que vem do outro, opera como algo novo. Cabe mencionar que Bakhtin realiza um paralelo em seus estudos literários: trata da novela polifônica e do principal para nosso estudo, o diálogo interno fundante da própria personalidade, as denominadas ‘linguagens sociais’, representadas pela linguagem dos sujeitos. O diálogo interno é culturalmente engendrado e cada voz representa uma posição distinta, considerando a bagagem cultural da sociedade em que os sujeitos estão inseridos.

A educação a distância reúne sujeitos de diferentes culturas e suas formas de se expressar podem ser entendidas como pacíficas ou conflituosas, devendo ser mediadas pelo professor-

tutor – é o primeiro contato do estudante com a instituição e serve de guia em todos os processos, desde a matrícula, condução da vida acadêmica e demais instâncias. O professor-tutor ajuda o estudante a se adaptar a comunidade universitária virtual e interage com os alunos pela internet, via *Campus Virtual* – Entretanto, a dificuldade consiste na mediação de um conflito em um curso à distância, pois a mediação é um método pacífico de resolução de conflito pelo qual o tutor é o responsável por alcançar o diálogo cooperativo entre as partes. Nesse sentido, acredito que desenvolver relações dialógicas consensuais em meio digital de educação a distância, ou *e-learning*, traz a colaboração, a cooperação, o diálogo vivo e construtivo e a permanência dos alunos até o final do curso.

A questão do ‘outro’ discutida como ‘sujeito’ para Bakhtin (1997a, 1997b) e Hermann (2005, 2010, 2014) se apresenta como importante aspecto para o presente estudo, pois envolve conceitos fundamentais de suas teorias, como linguagem, dialogismo, estética, alteridade e ideologia. Enquanto Hermann (2010) nos diz que, etimologicamente, o termo “outro” provém do grego ‘*to etepov*’ e do latim ‘*alteritas*’, e costuma ser empregado como equivalente à alteridade, o que significa constituir-se como outro; para Bakhtin (1997b), o sujeito e a linguagem do eu-outro travam uma relação de interdependência: língua e sujeito em relações dialógicas que se constituem em dinâmicas sociais, ou seja, o sujeito é constituído socialmente a partir da interação verbal na relação com o outro.

O sujeito é também o ‘outro’, como é a si mesmo, constituído socialmente a partir da interação verbal na relação intersubjetiva. O ‘outro’ é um aspecto de identificação e diferenciação. Por conseguinte, o outro é o ser que se apresenta face a face, com sua diferença e estranhamento, heterogêneo em relação ao outro, como tudo que pertence à consciência. É por meio de outro que proferimos o nosso discurso e nos desestabilizamos em confronto, aceitação, recusa e negação, associado ao inquietante, ao não familiar (HERMANN, 2014, p. 480; BAKHTIN, 1997a, p.45). Para Bakhtin, é nas relações dialógicas que se constituem as ideologias, as lutas de classe, conforme revela seu viés marxista. No entanto, Bakhtin parece concordar com Hermann no quesito das relações dialógicas filosoficamente se constituírem em relações sociais de alteridade.

Para Bakhtin (1997a, 1997b), a partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, e isso é algo social proveniente das interações, das palavras e dos signos. Somos constituídos e nos transformamos sempre através do outro. E esse processo de constituição é mediado pela linguagem: “Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante” (BAKHTIN, 1997b, p. 38).

Nos atos de interpretação e compreensão, a palavra alheia se faz sempre presente. Tanto Hermann quanto Bakhtin concordam que o sujeito não se constitui sozinho, mas forma a sua subjetividade com a interação com outros sujeitos do meio social em que vive.

Para Hermann (2010), isso significa que o sujeito, em seus relacionamentos intersubjetivos, que podem ser de alteridade ou não, apreende a realidade sensorialmente, o que o modifica constantemente. Já para Bakhtin (1997b), isso significa dizer que o sujeito é visto em relação à esfera social, imerso em diferentes linguagens e formas de comunicação.

2.2 RELAÇÕES DIALÓGICAS

Bakhtin (1997b; 1997a) explica a conexão entre os sujeitos, em suas obras como relações dialógicas ou interrelações sociais e ideológicas, onde os sujeitos ocupam na existência um lugar concreto e singular. Hack (2016) contextualiza o pensamento bakhtiniano para a realidade da educação a distância como “ato educativo e afetivo que é um ato eminentemente dialógico que requer respeito e entrega” (HACK, 2016, p. 133). Hack descreve, ainda, a relação intersubjetiva em relação com a alteridade, quando escreve “ato dialógico, respeito, entrega”. Compreendo respeito em alteridade e entrega como aceitação e abertura ao outro.

As relações de alteridade, ou sejam, relações as quais os interlocutores utilizam uma linguagem respeitosa, que propõe abertura ao diálogo; requerem responsabilidade sobre a enunciação, já que envolvem o interlocutor e sua capacidade responsiva. Lembramos aqui o entendimento de Bakhtin sobre “sujeito” ativamente compreensivo da atividade dialógica, do processo de comunicação, de modo a considerar a resposta que vem do outro como algo novo. A alteridade necessita da compreensão do sujeito na atividade dialógica ao responsabilizar-se pelo o interlocutor e ouvir seu discurso, isto, em face da abertura ao outro, a predisposição em aceitar o outro e a responsabilidade com a receptividade das palavras no outro.

Segundo Hack (2011), na comunicação educativa a distância se estabelece um processo comunicacional entre os envolvidos, na construção do conhecimento, por meio de reflexões sobre as tecnologias disponíveis e sobre a comunicação dialógica. Segundo o autor (2011, p. 47), “deve ser a base do processo de ensino aprendizagem em um sistema de EaD que pretende promover a emancipação dos estudantes”. A comunicação dialógica referida por Hack pode ser entendida em termos do dialogismo de Bakhtin e das relações de alteridade e estéticas defendidas por Hermann.

No que tange a educação à distância, a relação de alteridade se manifesta como um desafio à interação entre professores, alunos e tutores. Fomentar colaboração e cooperação à

distância, por meio das mídias em ambientes virtuais de aprendizagem, não é algo fácil. As Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC –, utilizadas para abrigar o “Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment” – MOODLE –, no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA –, sem dúvida, contemplam as ideias pedagógicas contemporâneas. Entretanto, essa mesma contemporaneidade vem sendo marcada pela busca pela eficiência, fruto do pensamento econômico neoliberal, através da competição que se constitui na negação do outro.

Uma das formas de pensar o dialogismo ao interpretar os textos escritos do círculo de Bakhtin, se refere a relações de alteridade. Para Bakhtin (1997a), o dialogismo rege a relação de reconhecimento, de aceitação da existência do outro em compreensão das expressões do outro, como parte da compreensão de si mesmo, para a qual o ‘eu’ só existe em relação dialógica com ‘tu’ (outro), inseridos em um espaço social historicamente determinado.

Assim, trata-se de considerar que o diálogo se faz da alternância dos sujeitos falantes (locutores) e que ao término do enunciado aguarda enunciados-respostas dos outros, conforme expressa Bakhtin (1997a, p. 295): “o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro”. Trata-se do contato eu-outro constituído pelo contexto e desenvolvido em nível de tempo e espaço interno e externo. Bakhtin compreende a concepção do dialogismo interno como

uma das formas composicionais do discurso (discurso monológico ou dialógico). Pode-se dizer que toda réplica é, por si só, monológica (monólogo reduzido ao extremo) e que todo monólogo é réplica de um grande diálogo (da comunicação verbal) dentro de uma dada esfera. O monólogo, concebido como discurso que não se dirige a ninguém e não pressupõe resposta. (BAKHTIN, 1997b, p. 346).

Nem sempre a réplica é proferida, assim, nos remetemos a um segundo plano, o monólogo. Tais aspectos, como formas composicionais de discurso (monológico ou dialógico), em nosso estudo se apresentam em relação ao sujeito e à EaD.

A enunciação como base da língua possui sua realidade sócio-ideológica e pode ir além do discurso exterior, incluindo o discurso interior ou o discurso consigo mesmo. Para Bakhtin, signo e situação social são intrinsecamente unidos, já que todo signo é ideológico. Nesse sentido, a consciência, cuja atividade mental do sujeito é acomodada pela língua e formatada pela ideologia sofre intersubjetivações, ou melhor dizendo, sofre inter-relações de comando. Desta forma, o monólogo na enunciação, surge entre o psiquismo e a ideologia, em uma espécie de constante interação dialética no subjetivismo individualista.

A interação verbal na relação dialógica eu-tu dos sujeitos com suas linguagens, culturas e concepções humanas afeta de forma a causar no outro o impacto de se sentir acolhido em alteridade ou negado pela “tolerância”. Os sujeitos em interação verbal empreendem um processo ativo e responsivo de compreensão pelo diálogo, porém os sujeitos também são passíveis de discordâncias e apresentam dificuldades em relacionamentos estabelecidos em grupos de aprendizagens.

O outro se constitui socialmente por meio de suas interações e de seus diálogos (BAKHTIN, 1997a, 1997b), o que requer além do respeito e da entrega, o acolhimento do “outro” (HERMANN, 2010), especialmente em uma modalidade de estudo que envolve uma maior dedicação de todos os envolvidos, bem mais que o ensino presencial. Para Hack (2016, p. 133), “os interactantes apenas conseguirão, verdadeiramente, alcançar-se mutuamente se houver um movimento recíproco de busca por compreender o outro”, por “fundir-se com ele” (BAKHTIN, 1997a, p. 45). A interação e a linguagem se tornam as bases do processo de aprendizagem.

Para Bakhtin (1997a), a interação entre o falante (locutor) e o ouvinte (interlocutor) é constituída através dos signos e funciona como um elo entre os sujeitos (interlocutores) que surgem carregadas de valores sociais constituídos anteriormente. A escolha de palavras a se utilizar na comunicação é uma das formas de demonstrar a relação com a alteridade, pois, através da linguagem, nos constituímos humanos e nos diferenciamos das inteligências artificiais.

De um modo geral os estudos de Mikhail Bakhtin, de Nadja Hermann e de Josias Ricardo Hack, sejam sobre as relações presenciais ou à distância, têm o compromisso com o processo de construção do conhecimento. Mesmo com todos os benefícios proporcionados pela Educação a Distância – EaD –, são os seres humanos que estão à frente dos monitores ou *notebooks*, que a fazem e interagem com linguagens, que atingem outrem e os reconhecem e aceitam, ou toleram e os negam.

A interação requisitada para que aconteça a EaD, segue o dialogismo de Bakhtin (1997a) na medida que a interação é consequência de um consenso (com-sentir) e parte de uma disposição manifestada na comunicação social pela linguagem, por intermédio do signo. Este “com-sentir” remete à atitude ética baseada no reconhecimento do outro com respeito às singularidades e pluralidades, reunidas em um curso EaD.

Para Bakhtin, a fala é a máquina responsável por transformações semânticas, com a palavra, os sujeitos entram em conflito ou consenso, pois qualquer linguajar é repleto de valores sociais e culturais, além de diferenças sociais. A comunicação verbal, inseparável das outras

formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, além da utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.

2.3 INTERSUBJETIVIDADE E SOCIEDADE

Dentre conceitos que vão da filosofia de Husserl, Scheler, Heidegger, Merleau-Ponty, Habermas, Lévinas (2000) e Buber (1979), à psicanálise, Berentein, Puget, Spivacow, utiliza-se neste estudo uma perspectiva fenomenológica. A fenomenologia – do grego *phainesthai* – significa aquilo que se apresenta ou que se mostra, e *logos* – significa explicação, estudo – afirma a importância da consciência os quais devem ser estudados em si mesmos designados por uma palavra que representa a sua essência.

A experiência da intersubjetividade, se refere a uma concepção de ser humano que integra em sua constituição a experiência da alteridade. A intersubjetividade, em suma, significa a capacidade singular de elaboração psíquica de leitura de aspectos sensíveis, crenças, sentimentos, intenções e processos mentais de outros sujeitos.

Martin Buber (1878-1965) desenvolve com profundidade reflexiva a relação ontológica ‘eu-tu’, em que a palavra se apresenta como dialógica; no entanto, a dialogicidade da palavra é o ‘entre’, eu e tu, a interrelação, ou seja, a interação das subjetividades. As subjetividades estão sempre em formação, considerando a capacidade de cada sujeitos em se relacionar com os outros. Mas existe aquele que não se relaciona, que prefere não criar pontes. Em *Totalidade e Infinito*, para Levinas a subjetividade é calcada na separação, em que a

separação é o próprio acto da individuação, a possibilidade, de uma maneira geral, para uma entidade que se põe no ser, de nele se pôr não definindo-se pelas referências a um todo, pelo seu lugar num sistema, mas a partir de si (LEVINAS, 2000, p. 279).

Esta separação ou preferência de fazer sozinho, o mal chamado ‘individualismo’, se faz presente também na EaD. Transforma o ser humano e o fragmenta, dividindo-o, e com isso, o faz esquecer das relações intersubjetivas, afetando negativamente seu desenvolvimento humano. Esse é um panorama político-educacional da qual emerge a reflexão sobre a falta de reconhecimento do outro, e da necessidade da sensibilidade estética e da alteridade.

O pensamento de Lévinas sobre a intersubjetividade na obra “Entre Nós” (LEVINAS, 2005) se depara com a realidade urgente do caos que enfrenta a humanidade, pela falta de

reconhecimento do outro com alteridade, causa provável de tragédias, conflitos violentos e da necessidade de uma educação para a paz.

Para Bakhtin (1997a, p. 170), este individualismo demonstra o desejo de ser herói na vida, de ter importância no mundo dos outros, de atingir a glória. Para ele, nós temos dentro de nós um herói biográfico, com atos e valores estéticos próprios que podem operar como valores que organizam a representação artística do autor. Bakhtin (idem) diz que esses são valores de natureza individualista, embora se trate

de um individualismo ingênuo, que não se isola do mundo dos outros e participa da alteridade existencial de que necessita e de cuja autoridade ele extrai sua própria força (o eu-para-mim solitário não se opõe ao outro enquanto tal, como no caso da confissão marcada de antropomaquia). Esse individualismo ingênuo e espontâneo se correlaciona com um funcionamento parasitário ingênuo, espontâneo. (BAKHTIN, 1997a, p.170).

A preocupação com o individualismo do personagem herói, com alteridade e o contexto das relações na EaD, nos fazem refletir filosoficamente no que Bakhtin chama de “o eu-para-mim solitário não se opõe ao outro enquanto tal [...]”. Nesse caso, não se percebe o outro, nem acontece o estranhamento, pois como diz Hermann (2010, p. 131), “a estética tem se mostrado hábil na experiência de alteridade, evidenciando aquilo que é estranho, uma liberdade do sensível contra o embrutecimento da percepção automatizada”, mas ainda não atingiu muitos sujeitos que ainda estão no ‘eu-para-mim’. A realidade aligeirada, quase totalmente automatizada, em que vivemos, indica a necessidade da alteridade e da criação de um ‘mundo comum’, de uma sociedade mais justa, sem a traiçoeira ingenuidade individualista.

De acordo com Hermann (2010, p. 103), “a sociedade supõe uma compreensão de bem comum, de um mínimo de acordos sobre regras que viabilizam a vida social, cultural e política, da qual estamos afastados pela fragmentação”. Sem alteridade em um mundo comum a educação se fragmenta ao preço altíssimo da desorientação. Para Hermann, (2010, p. 106) “educar é uma forma de vida que requer elaborações incompatíveis com o aceleração do tempo virtual proporcionado pelas novas tecnologias, embora possamos nos valer dele”. Assim, se faz necessário demorar-se sobre a realidade do estudo, contemplar, pensar, fazer pontes entre os conhecimentos e interpretações hermenêuticas. Hermann aponta para a sensibilidade docente em olhar para a subjetividade do aluno, com uma compreensão mais aberta às relações de alteridade.

A alteridade não é tão simples, mas ao mesmo tempo se torna simples na análise da complexidade filosófica com a qual se aproximam os pensamentos de Bakhtin e Hermann.

Bakhtin (1997a) faz reflexões filosóficas ao realizar interpretações hermenêuticas das obras literárias de Dostoiévski e de Rabelais. O autor age com empatia e realiza a experiência da autocriação com a profundidade com a qual direciona suas análises, a exemplo de sua obra ‘Estética da criação verbal’. Bakhtin assim se refere ao princípio da alteridade:

o simples fato de eu conceder um significado, se bem que infinitamente negativo, ao que me determina, e de questioná-lo, ou seja, de eu tomar consciência de mim mesmo na existência, esse simples fato atesta que não estou sozinho em minha introspecção-confissão que meus valores são refratados em alguém, que há alguém para quem apresento interesse, que há alguém que necessita que eu seja bom. (BAKHTIN, 1997a, p. 159).

Pela alteridade, a tomada de consciência explicada por Bakhtin, se faz necessária ao ocorrer a elaboração interna do espírito humanístico, sendo que o princípio da alteridade é transcendente à autoconsciência e implica o reconhecimento do outro por mim e reciprocamente pelo outro em dialogismo (BAKHTIN, 1997a; HERMANN, 2010).

2.4 ESTÉTICA E LINGUAGEM

A responsabilidade para com as palavras verbalizadas é uma grande preocupação ética-filosófica de Bakhtin (1997b), que valoriza a questão da linguagem-enunciado, em uma relação intrínseca com as situações sociais. A linguagem é no sentido mais amplo, um fenômeno ideológico (BAKHTIN, 1997b) e o modo mais puro e sensível de relação social. Por meio da manifestação da linguagem verbal o sujeito chega à interação social e, ao enunciar, o sujeito invoca valores, reinventa sentido, contribui com a expressão, o tom e o desejo discursivo. Todos os valores socioculturais e ético-morais da constituição do sujeito trazidos em seu discurso se referem à estética.

A estética para Bakhtin e para Hermann consiste em ver através, ou melhor, em ver o que excede a visão. Os dois autores distanciam-se do estético da filosofia antiga de concepção de essências do belo. Nesse caminho as suas análises filosóficas modernas tomam rumos diferentes. Bakhtin parte suas análises para a literatura poética e concentra-se na estética do dialogismo, a relação entre autor e heróis nas obras de Dostoiévski e de Rabelais; enquanto Hermann traz a análise para o humano em si e, assim, forma uma nova teoria estética. A teoria estética de Hermann opera no sistema sensorial dos sujeitos, então, tem-se aqui um distanciamento entre Hermann e Bakhtin sobre a Teoria Estética.

Bakhtin (1997a), ao se posicionar entre o autor e herói, realiza interpretações estéticas, observa as intenções mais profundas do autor, levando em conta aspectos imbricados na idealização e constituição de um ser ‘herói’. A estética aprofundada no diálogo dos personagens para além das palavras, foi alvo de discussões éticas e estéticas em reuniões de Bakhtin com amigos intelectuais no chamado ‘Círculo de Bakhtin¹’. As considerações estético-formais, discutidas no encontro do círculo, são estabelecidas pelo reconhecimento, das singularidades, do contexto social, histórico e cultural.

A estética para Bakhtin é algo tão profundo quanto para Hermann. Bakhtin, expõe seu pensamento a respeito do valor estético da contemplação “o excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade” (BAKHTIN, 1997a, p. 46). A ética-estética faz com que o sujeito se identifique com o outro para ver o mundo como ele o vê, colocando-se em seu lugar e depois retornando ao seu próprio lugar. Assim, o sujeito pode se completar com o que excedeu à sua visão.

As observações críticas, éticas e estéticas que Bakhtin faz às obras refletem a alteridade, pois a linguagem filosófica, se aprofunda nas subjetividades de cada personagem, de forma a reconhece-las ou negá-las, chegando ao herói como uma necessidade do autor. Esse exemplo protagoniza o sujeito da educação a distância.

O herói, para a EaD, seria aquele que se sobressai, que faz o empresariamento de si, que toma conta da sua carreira e estuda além do que conseguiria, se a educação fosse presencial. Este é um dos discursos do sujeito antenado, competente com o uso das tecnologias, mas que precisa constantemente lembrar do humano em si, para se relacionar com o humano do outro. Desta forma, o reconhecimento da singularidade do outro e o estabelecimento de uma relação dialógica consensual “com-sentir” contempla o acolhimento do outro.

Para Bakhtin (1997b, p. 95), o acolher acontece pela palavra, visto que, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Por meio da palavra pode-se formar relações de alteridade e construir subjetividades, pois os relacionamentos acontecem entre duas ou mais pessoas, assim a palavra se constitui como o produto da interação do locutor e do ouvinte e, segundo Bakhtin, toda palavra serve

de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A

¹Círculo de Bakhtin é a denominação pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1974, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev. Bakhtin faleceu em 1975, Voloshinov, na década de 1920 e Medvedev, provavelmente, na década de 1940.

palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 1997b, p. 113).

Atentar para como se proferem as palavras. torna-se uma ponte para a alteridade. Hermann (2010) também cita que é pela linguagem falada (tom de voz, intensidade), corpórea (postura) e visual que os sentidos repercutem no outro. Nadja Hermann, em seu diálogo por cartas (eletrônicas ‘*e-mails*’) com Marcia Tiburi, em *Diálogo/Educação*, explica a estética da seguinte forma:

A estética se relaciona com nossa capacidade de apreender a realidade pelos canais da sensibilidade e põe em movimento uma disposição lúdica para a atividade criadora [...] remete ao, sensível, que envolve todo o sujeito e traz uma profunda inserção na totalidade da vida. (HERMANN, 2014, p. 85).

Trata-se de construção de sentido pela sensibilidade e pela linguagem, e isso se inicia pela palavra, como diz a obra de Bakhtin “Dialogismo, o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso” (BRAIT, 2005). Para Bakhtin, a linguagem tem uma ligação com a vida, pois a língua é dialógica e complexa e não se pode ignorar essa natureza. Nesse sentido, Hermann nos diz que é na relação com o outro, pela linguagem, sendo assim também chamada de dialógica, que as relações de alteridade acontecem pela sensibilidade de percepção do outro. O outro, citado por Hermann, é o sujeito dialógico citado por Bakhtin, um sujeito relacional. É nesse sentido que este estudo aborda a interação na educação a distância.

As relações de interatividade na EaD se fazem pelo uso da palavra. Bakhtin compreende

por palavra do outro (enunciado, produção verbal) entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua (minha língua materna), ou em qualquer outra língua, ou seja: qualquer outra palavra que não seja a minha. Nesse sentido, todas as palavras (os enunciados, as produções verbais, assim como a literatura), com a exceção de minhas próprias palavras, são palavras do outro. Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo do domínio original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). (BAKHTIN, 1997a, p. 384).

As palavras proferidas em enunciados, ou seja, palavras compartilhadas, necessitam ser compreendidas pelo outro, gerando uma interatividade de caráter ideológico e cultural, próprios de cada sujeito. E desta forma, a consciência toma forma e existência nos signos

ideológicos, de modo que o sujeito somente se constitui, identifica-se e difere-se na relação com o outro.

Tendo feita essa explanação teórica sobre os conceitos de sujeito, intersubjetividade, relações dialógicas e estética – na sua relação com a linguagem –, a seguir apresento reflexões sobre a EaD.

3. CAPÍTULO II – ANÁLISES

“O pensamento não existe fora de sua expressão potencial e, por consequência, fora da orientação social desta expressão e do próprio pensamento” (BAKHTIN, 1929).

No capítulo anterior explanamos conceitos para entendermos um pouco mais a questão da palavra proferida ao outro. Neste capítulo trataremos do nosso estudo, a partir da contextualização com a educação a distância e as reflexões sobre as questões de: como a linguagem pode afetar o outro em sua singularidade; como as relações de alteridade podem humanizar os cursos EaD; se as relações dialógicas, de sensibilidade estética e de alteridade estão presentes na história e nos documentos legais da EaD. Busca-se procurar os fatores que determinam o reconhecimento ou negação do outro em cursos EaD. Também queremos investigar se há algo no percurso histórico que referencie a educação a distância importando-se com o humano.

3.1 PERCURSO HISTÓRICO DA EAD E O SER HUMANO

A história da EaD se relaciona à evolução humana, em um primeiro momento há um interesse ou necessidade em comunicar-se com alguém distante, em que se pode notar a preocupação com o outro. Em um segundo momento, tem-se a ideia do ensino por correspondência, por preocupação com o outro, por faltar às aulas, ou por falta prevista do professor ou, ainda, por motivo de doença; nesses casos, a matéria era enviada ao lar. Depois, seguiu a percepção de uma forma empreendedora lucrativa, através da venda de cursos/aulas por correspondência.

Data de 1728, o primeiro vestígio de educação a distância, quando o professor Caleb Phillips publicou na Gazeta de Boston um anúncio dizendo que poderia enviar aulas para as casas de quem desejasse, todas as semanas. Em 1833, na Suécia, Lunds Weckoblad enviou

remessas postais aos que estudam “Composição” por correspondência. Outros anúncios semelhantes ocorreram na Inglaterra em 1840. Essas demandas geraram transformações nas sociedades, na cultura dos povos e na educação mundial.

A primeira instituição de educação a distância, legalizada para o envio de correspondência, na modalidade ensino, data de 1856, em Berlim, com os professores Charles Toussain e Gustav Laugenschied, que ensinavam Francês. Depois, as Universidades assumiram esse papel, como: Wisconsin (1891), Chicago (1892) e Oxford (1895), que inseriram a certificação da educação a distância, por correspondência. Após a primeira guerra a União Soviética, implementou um sistema de educação a distância, o qual chegou a atender aproximadamente 350 mil pessoas.

Na sequência dos fatos, com a necessidade de levantar a autoestima da população no pós-guerra e profissionalizá-la, a educação a distância passou a ter suas aulas transmitidas via rádio, sendo este o primeiro recurso tecnológico utilizado na educação a distância. Foi disseminada mundialmente e logo banalizada, tendo diminuído a audiência, provocado novas formas de educação a distância, para atingir sempre um maior número de pessoas.

Aqui fazemos uma pausa para refletir: em observação aos fatos históricos ocorridos no contexto do início da EaD, pode-se perceber que a educação teve um caráter de dominação ideológica, como um modo de direcionar os sujeitos para determinada informação. Relembramos que, para Bakhtin (1997b, p. 95), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, enquanto para Hermann (2010, p. 103) “a sociedade supõe uma compreensão de bem comum, de um mínimo de acordos sobre regras que viabilizam a vida social, cultural e política, da qual estamos afastados pela fragmentação”. Tendo em vista o contexto político-social no qual se instalou a educação a distância, as ideias de Bakhtin e Hermann nos ajudam a compreender a intenção do sentido da palavra (signo) direcionado ao bem comum.

No Brasil, as primeiras iniciativas de EaD surgiram no início do século XX, com o ensino técnico por correspondência, seguidas pelo rádio. Até o início dos anos 1990, não foi constatado que instituições de ensino superior se utilizassem dessa modalidade para o ensino. Contudo, a educação a distância avançou tecnologicamente: teve gravações em fitas cassete, transmissão por televisão, sempre com material escrito impresso. Com a evolução temporal, outras tecnologias foram incorporadas a EaD, como o computador com internet e, atualmente, os multimeios e a educação corporativa *e-learning*.

De acordo com Hack (2011, p. 49), “o desenvolvimento das mídias modificou o sentido de pertencimento dos indivíduos, pois eles passaram a ser cosmopolitas, ou seja,

cidadãos do mundo”, não importando suas localizações. As iniciativas educacionais no Brasil passaram por estágios de humanização, enfocando a educação para aqueles que não tiveram condições de ingressar no ensino superior. Assim foi a EaD, contudo, as aulas eram após o trabalho, no chão de fábrica arranjado como sala de aula.

Promessas de seguir carreira na empresa incentivaram o estudo EaD, caracterizando um empresariamento de si. Para Bakhtin (1997a, p. 170), este individualismo demonstra o desejo de ser herói na vida, de ter importância no mundo dos outros, de atingir a glória. Bakhtin cita que “o eu-para-mim solitário não se opõe ao outro enquanto tal [...]”. Nesse contexto, não se percebe o outro, nem acontece o estranhamento, pois, como diz, Hermann (2010, p. 131), “a estética tem se mostrado hábil na experiência de alteridade, evidenciando aquilo que é estranho, uma liberdade do sensível contra o embrutecimento da percepção automatizada”, Acredito que a EaD, nessa visão empresarial, atingiu muitos sujeitos, pois está focada no ‘eu-para-mim’; deste modo, as opiniões convergem para um individualismo competitivo, compondo o perfil do sujeito que participa da EaD.

No quadro abaixo, ilustro o percurso histórico da EaD, buscando compreender em que medida educação a distância importa-se com o humano, para tanto, relaciono fatos históricos da educação a distância no Brasil com os principais fatores humanos, para que se possa perceber os objetivos de tais implementações:

Quadro 1 – Histórico Cronológico da EaD no Brasil

| Fato/ano | Fato Histórico | Fator Humano principal |
|----------|---|-------------------------------|
| 1923 | Fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Oferecia curso de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. Início da EaD no Brasil. | Comunicação Verbal e Educação |
| 1930 | Escola Nova | Educação |
| 1932 | Cinema produção filmes educativos | Comunicação visual |
| 1936 | Doação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Cinema Educativo. | Comunicação e Educação |
| 1937 | Criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. | Comunicação e Educação |
| 1939 | Criação do Instituto Rádio Monitor e, logo em seguida, tivemos as experiências radiofônicas do MEB e do Projeto Minerva. | Comunicação e Educação |
| 1941 | Criação do Instituto Universal Brasileiro | Educação |
| 1959 | Início das escolas radiofônicas em Natal (RN). | Comunicação e Educação |
| 1960 | Início da ação sistematizada do Governo Federal em EAD; contrato entre o MEC e a CNBB: expansão do sistema de escolas radiofônicas aos estados nordestinos, que faz surgir o MEB – Movimento de Educação de Base –, sistema de ensino a distância não-formal. | Educação |

Continua

| Fato/ano | Fato Histórico | Fator Humano principal |
|-----------|---|--|
| 1961 | Movimento Educação de Base – MEB | Educação |
| 1965 | Início dos trabalhos da Comissão para Estudos e Planejamento da Radiodifusão Educativa. | Comunicação |
| 1967 | Criada a Fundação Padre Anchieta, mantida pelo Estado de São Paulo com o objetivo de promover atividades educativas e culturais através do rádio e da televisão (iniciou suas transmissões em 1969); constituída a Feplam (Fundação) Educacional Padre Landell de Moura), instituição privada sem fins lucrativos, que promove a educação de adultos através de teleeducação por multimeios. | Comunicação e Educação |
| 1969 | Criação do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB) | Comunicação e Educação |
| 1970 | Portaria 408 – emissoras comerciais de rádio e televisão: obrigatoriedade da transmissão gratuita de cinco horas semanais de 30 minutos diários, de segunda a sexta–feira, ou com 75 minutos aos sábados e domingos. É iniciada em cadeia nacional a série de cursos do Projeto Minerva, irradiando os cursos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial, produzidos pela Feplam e pela Fundação Padre Anchieta. | Comunicação e Educação |
| 1971 | Nasce a ABT – inicialmente como Associação Brasileira de Tele-educação, que já organizava desde 1969 os Seminários Brasileiros de Teleeducação atualmente denominados Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional. Foi pioneira em cursos à distância, capacitando os professores através de correspondência. | Comunicação, Formação docente e Educação |
| 1972 | Criação do Prontel – Programa Nacional de Teleeducação – que fortaleceu o Sinred – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa. | Comunicação e Educação |
| 1973 | Projeto Minerva passa a produzir o Curso Supletivo de 1º Grau, II fase, envolvendo o MEC, Prontel, CENAFOR e secretarias de Educação. Criação da Televisão Educativa – TVE. | Comunicação e Educação |
| 1973-1974 | Projeto SACI conclusão dos estudos para o Curso Supletivo "João da Silva", sob o formato de telenovela, para o ensino das quatro primeiras séries do 1º grau; o curso introduziu uma inovação pioneira no mundo, um projeto – piloto de tele – didática da TVE, que conquistou o prêmio especial do Júri Internacional do Prêmio Japão. | Comunicação e Educação |
| 1974 | TVE Ceará começa a gerar tele–aulas; o Ceteb – Centro de Ensino Técnico de Brasília – inicia o planejamento de cursos em convênio com a Petrobras para capacitação dos empregados desta empresa e do projeto Logus II, em convênio com o MEC, para habilitar professores leigos sem afastá–los do exercício docente. | Comunicação e Educação |
| | | Continua |

| Fato/ano | Fato Histórico | Fator Humano principal |
|-----------|--|--|
| 1978 | Lançado o Telecurso de 2º Grau, pela Fundação Padre Anchieta (TV Cultura/SP) e Fundação Roberto Marinho, com programas televisivos apoiados por fascículos impressos, para preparar o telealuno para os exames supletivos. | Comunicação e Educação |
| 1979 | Criação da FCBTVE – Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa/MEC; dando continuidade ao Curso "João da Silva", surge o Projeto Conquista, também como telenovela, para as últimas séries do primeiro grau; começa a utilização dos programas de alfabetização por TV – (MOBRAL), em recepção organizada, controlada ou livre, abrangendo todo o Brasil. | Comunicação e Educação |
| 1979-1983 | É implantado, em caráter experimental, o Posgrad – pós-graduação Tutorial à Distância – pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior – do MEC, administrado pela ABT – Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – com o objetivo de capacitar docentes universitários do interior do país. | Comunicação, Formação docente e Educação |
| 1983-1994 | Criação da TV Educativa do Mato Grosso do Sul. Início do "Projeto Ipê", da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e da Fundação Padre Anchieta, com cursos para atualização e aperfeiçoamento do magistério de 1º e 2º Graus, utilizando-se de multimeios. | Comunicação, Formação docente e Educação |
| 1988 | "Verso e Reverso – Educando o Educador": curso por correspondência para capacitação de professores de Educação Básica de Jovens e Adultos/ MEC Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (EDUCAR), com apoio de programas televisivos através da Rede Manchete. | Comunicação, Formação docente e Educação |
| 1991 | O "Projeto Ipê" passa a enfatizar os conteúdos curriculares. A Fundação Roquete Pinto, a Secretaria Nacional de Educação Básica e secretarias estaduais de Educação implantam o Programa de Atualização de Docentes, abrangendo as quatro séries iniciais do ensino fundamental e alunos dos cursos de formação de professores. Na segunda fase, o projeto ganha o título de "Um salto para o futuro". | Comunicação, Currículo Formação docente e Educação |
| 1992 | O Núcleo de Educação a Distância do Instituto de Educação da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), em parceria com a UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso) e a Secretaria de Estado de Educação e com apoio da Tele-université du Quebec (Canadá), criam o projeto de Licenciatura Plena em Educação Básica: 1º a 4º series do 1º grau, utilizando o EAD. | Comunicação, Formação docente e Educação |
| 1994 | Oferta de cursos superiores a distância iniciou com a Licenciatura em Educação Básica, organizada pelo Núcleo de Educação a Distância do Instituto de Educação da UFMT. Telecurso 2000. | Comunicação, Formação docente e Educação |
| | | Continua |

| Fato/ano | Fato Histórico | Fator Humano principal |
|----------|--|-----------------------------|
| 1997 | Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) – Projeto AulaNet – TelEduc – e-Proinfo. Teleconferência, Videoconferência e Webconferência | Formação docente e Educação |
| 1998 | Decreto 2494/98 – apenas o MEC poderá credenciar os cursos de graduação e a formação tecnológica a distância, existentes no país; Portaria Ministerial nº 301/98 – normatizou os procedimentos de credenciamento das instituições para a oferta de cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância. | Formação docente e Educação |
| 1999 | Universidade Virtual Pública do Brasil (UNIREDE) – objetivo de oferecer cursos de graduação a distância. | Formação docente e Educação |
| 2000 | Universidade virtual Brasileira. | Formação docente e Educação |
| 2001 | Resolução nº1/2001 – estabelece as normas para funcionamento de cursos de pós-graduação lato e stricto sensu na modalidade a distância. | Formação docente e Educação |
| 2005 | Universidade Aberta do Brasil – para capacitar professores da educação básica; Portaria Ministerial nº2253/01 – o MEC permitiu que as universidades, faculdades, centros universitários e tecnológicos pudessem oferecer 20% do tempo previsto para integralização do currículo de cursos presenciais já reconhecido, na modalidade a distância. | Formação docente e Educação |

Fonte: autora, baseada em Hack, 2011.

A história da EaD no Brasil, lançada cronologicamente no quadro acima, permite reconhecer que até a década de 1980 havia um caráter de comunicação informacional com aspecto educacional. A partir da década de 1990 até nossos dias, a EaD, além da comunicação informacional e educação, passou a ser utilizada também para a formação docente.

Trago este breve histórico para uma análise maior: note-se que a educação a distância desde o seu início, sempre teve o intuito de passar a diante uma informação, uma técnica, um modo de fazer, uma estratégia; não exatamente o intuito era educar. Observa-se, contudo, que não é só de informação comprimida que se faz educação.

A educação é mais do que informação: está presente em todos os espaços e tempos; todas as pessoas se educam na interação – visto que, para Bakhtin (1997b, p. 194), a base material determina a estratificação da sociedade, sua estrutura sociopolítica, e distribui hierarquicamente os indivíduos que nela se encontram em relação de interação – com os outros e é isso que move a educação a distância. Mas, há um detalhe a se observar: falta aprimorarmos o olhar para o humano no uso da tecnologia.

Com vistas a legislar o ensino, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394) de 1996 normatizou e determinou o credenciamento das instituições de educação superior a

proverem a educação a distância. Contudo, tais documentos não trazem informações normativas explícitas sobre a importância da interação na educação a distância. O Decreto nº 2.494, de 10-2-1998, define EaD como:

uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação. (BRASIL, 1998, s/p).

No que se refere à mediação, cita-se mediação de recursos e suportes de informação, mas o documento não aborda a mediação ou as relações dialógicas, como se os humanos que se utilizarão destas ferramentas não precisassem de uma normativa de conduta, como o agir com alteridade, por exemplo. Em 2002, houve uma avaliação dos critérios estabelecidos anteriormente e foi constatada a necessidade de rediscutir os critérios da educação a distância. A educação a distância foi regulamentada pelo Decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005, caracterizando a educação a distância como modalidade educacional. O Decreto nº 5.622/2005, que revogou o Decreto nº 2.494/1998, define EAD como:

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005, s/p).

O Decreto 5.622 foi revogado pelo Decreto 9.057 de 2017, o qual, além de normatizar a educação a distância, determina a oferta para o ensino fundamental, ensino médio, educação profissional, educação de jovens e adultos, educação especial, educação superior e, pós-graduação lato sensu. A portaria nº 275, de 18 de dezembro de 2018, confirma a oferta de EaD para os programas de pós-graduação stricto sensu em mestrado e doutorado; contudo, ao passo que essa proposta avança, ela retira da formação de professores universitários a possibilidade do dialogismo, do debate fundamentado, do confronto com o outro, em prol do não afastamento do trabalho docente para cursar a pós-graduação stricto sensu. É certo que em algumas modalidades de cursos não há problemas formativos em cursar à distância.

O MEC – Ministério da Educação e Cultura –, em 2006, pelo decreto 5800 criou a Universidade Aberta – UAB; nesse sistema, há uma normatização das funções dos tutores a distância e os tutores presenciais, que desempenham funções complementares e não funções sobrepostas. De acordo com Hack:

o tutor a distância é o responsável pelo conteúdo, enquanto o tutor presencial ajuda o aluno a administrar sua vida acadêmica e se organizar para dar conta de todas as etapas de estudo. Enfim, todos os envolvidos no processo, desde o coordenador do polo até o tutor, desenvolvem suas atividades de amparo mútuo, em que a palavra-chave que sintetiza bem essa relação é: cooperação. E cooperação no processo educativo se constrói pelo estabelecimento de uma comunicação dialógica. (HACK, 2011, p. 47).

O Dialogismo (BAKHTIN, 1997a), é parte essencial do processo comunicacional que envolve as relações em um sistema de EaD; segundo Hack, essa comunicação mostra na realidade da UAB uma gestão organizacional diferenciada para a educação a distância, principalmente quando cita a cooperação.

A educação a distância está prevista na Declaração de Incheon, válida até 2030 (UNESCO, 2015), entendida como educação ao longo da vida, que prevê o desenvolvimento de políticas e programas para a oferta de uma educação, a qual denomina-se “terciária”, ou seja, a educação a distância, com qualidade, envolve o uso de tecnologias, internet, dentre outros.

Os documentos legais e históricos que analisamos trazem a normativa dos fatos, mas, até onde nossa busca detectou, não há menção explícita sobre a interação dos sujeitos. Entretanto, em 2016, a resolução nº 1 preconiza a interação entre os cursos presenciais e à distância na formação superior, o que remete nossa reflexão à sensibilidade e ao cuidado com a palavra “interação”: será que os humanos estão se tornando mais sensíveis? A sociedade com a evolução tecnológica tem se preocupado pouco com o ser humano e, quando revolucionam inserindo o termo ‘interação’, não se refere aos seres humanos, mas sim aos cursos presencial e EaD, o que é lamentável. A falta de atenção com a interação dos sujeitos nos documentos legais da Educação, causa a fragmentação das subjetividades pelo fato de tornar menos importante as relações humanas; por consequência a prevalência de barbáries.

A resolução nº 1 de 11 de março de 2016 se refere à educação a distância para cursos da educação superior, estabelece diretrizes e normas para seu funcionamento, sendo a primeira vez, de acordo com os parâmetros da pesquisa realizada, que aparece em um documento legal o termo “interação”. Conforme segue, o art. V prevê

modelos tecnológicos e digitais, materializados em ambiente virtual multimídia interativo, adotados pela IES, em consonância com os referenciais de qualidade da EaD e respectivas Diretrizes e Normas Nacionais, de forma que favoreçam, ainda, maior articulação e efetiva interação e complementariedade entre a presencialidade e a virtualidade “real”, o local e o global, a subjetividade e a participação democrática nos processos ensino e aprendizagem. (BRASIL/RES 1, 2016).

Este documento para as IES traz a interação como articulação entre os ensinos presenciais e à distância. Descrita no parágrafo 4º, a interação é vista como um recurso educacional entre múltiplos atores em sua concepção, produção e disseminação. Considero que a descrição da interação em um documento legal indica ainda um tímido reconhecimento da necessidade de interação, com enfoque no humano e nas relações intersubjetivas de aprendizagem, e não dos cursos. O capítulo IV, parágrafo 1º da mesma resolução, trata dos docentes vinculados à EaD, descreve todas as funções, incluindo a “interação” e mediação pedagógica. A questão da mediação pedagógica requer outro estudo interpretativo para extrair os vestígios das intenções do documento.

A comunicação dialógica que surge da interatividade na EaD, segundo o que alguns autores (MOORE, 2007; PETERS, 2001; PRETI, 2000; SILVA, 2003; HACK, 2009) citam, ainda é um desafio, mas constitui o fundamento das propostas educacionais de construção do conhecimento na educação a distância.

Defendo que a interação entre os sujeitos na EaD pode facilitar a comunicação dialógica para compreensão e construção de conhecimentos, favorece a desenvoltura na condução do pensamento crítico e de colaboração. Para Bakhtin a vida é um movimento dialógico por natureza e envolve três tipos de relações conforme o amadurecimento da autoconsciência para as relações:

1. Relações entre os objetos: entre coisas, entre fenômenos físicos, químicos, relações causais, relações matemáticas, lógicas, linguísticas, etc.
2. Relações entre o sujeito e o objeto.
3. Relações entre os sujeitos, que são relações individualizadas, personalizadas: relações dialógicas entre os enunciados, relações éticas, etc. Estas relações abarcam todo tipo de relações personalizadas de sentido (semânticas). Relações entre as consciências, entre as verdades — influência mútua, aprendizagem, amor, ódio, mentira, amizade, respeito, admiração, confiança, desconfiança, etc. (BAKHTIN, 1997a, p. 379).

A consciência do sujeito passa por fases de maturação, e a educação contribui para a elucidação e clarificação da consciência dos sujeitos, tendo em vista relações de alteridade. Contudo, os documentos legais e os documentos históricos analisados não mostram vestígios da importância de se ter dado importância às relações intersubjetivas na educação a distância, com exceção da Resolução nº 1 de 2016 destinada aos cursos da educação superior à distância. Essa ausência de menção à interação faz desta pesquisa um relevante alerta para as novas visões de educação a distância.

A análise dos documentos se mostra promissora em relação ao papel do sujeito em interação por relações dialógicas, visto que já se tem um documento que preconiza a interação como algo necessário ao sujeito em relações de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do aumento significativo da oferta de todos os níveis de formação na modalidade EaD, o avanço desenvolvimentista das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC –, utilizadas para abrigar o “*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*” – MOODLE –, no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, sem dúvida, contempla as ideias demandas contemporâneas.

A corrida humana para alcançar o avanço tecnológico, contudo, fragmenta o ser humano, marcado pelo exigente “eficientismo” econômico neoliberal que o quer polivalente, e o faz por meio da competição, como, por exemplo, pelo prêmio, pela conquista do cargo, dentre outros. O “empresariamento” de si se constitui na negação do outro, quando o sujeito se eleva acima das relações intersubjetivas, dialógicas e de alteridade, para inflar o ego, sobressaindo-se aos demais.

A compreensão sobre este contexto da EaD fez com que este estudo sobre as relações dialógicas em processos de aprendizagem em meio de interação digital fosse visto como necessário para a formação profissional, extrapolando a formação teórica, técnica e prática, em busca de uma formação da dimensão humana, da humanização dos sujeitos.

A partir dos estudos e análises, os fenômenos evidenciaram vestígios de que a discussão sobre como se mostrar sensível pela linguagem, é necessária em um curso a distância. Dialogamos com autores que trazem em seu discurso não só a sensibilidade com as palavras, mas a responsabilidade pelo discurso, pela enunciação e proferimento.

Pela linguagem o ser humano se faz humano, se percebe sujeito autor de seu diálogo interno e capaz de afetar o outro em sua singularidade. Compreendemos que cada sujeito, aluno(a) da EaD ao ingressar no curso, traz consigo sua cultura, sua singularidade, sua subjetividade e linguajares próprios. De acordo com os autores estudados, somente por intermédio da alteridade se pode fazer com que se sintam acolhidos e motivados a aprender.

Um curso EaD não se faz de atores, mas de educadores capazes de ver através do meio digital quem é o(a) aluno(a) distante. Utilizar os recursos tecnológicos como tecnologia assistiva e encará-la como ferramenta, considerar o humano e as relações humanas, não apenas

sua habilidade técnica de acesso e manuseio do curso, nos mostra ser algo imprescindível e urgente.

A formação via EaD é referência como educação ao longo da vida, segundo o documento vigente de Incheon e, por isso, a nossa grande preocupação com as relações dialógicas de alteridade, pois, enquanto responsáveis pelas relações humanas, os educadores formarão os sujeitos que serão o futuro; e os sujeitos do futuro precisarão ser mais humanos do que já fomos, precisarão evitar guerras, fome e genocídios.

As relações dialógicas quando consensuais são responsáveis, ou seja, compreensivas e abertas à responsividade com aceitação do que vem do outro, e, uma vez direcionadas para o sucesso da aprendizagem em ambientes virtuais se constituem de educação dialógica e dependem do tutor e de sua condução do fluxo de diálogo, mantido por meio de sua linguagem.

De acordo com os estudos e levantamentos documentais e bibliográficos, vimos que não há menção sobre a preocupação com o humano no percurso histórico da educação a distância. Foi possível chegar às considerações de que as relações dialógicas, de sensibilidade estética e de alteridade não estão presentes na história e nem nos documentos legais da EaD. O que há refere-se à “efetiva interação e complementariedade entre a presencialidade e a virtualidade “real”. o local e o global, a subjetividade e a participação democrática nos processos ensino e aprendizagem”. Isso nos parece um pedido de colaboração entre educação presencial e virtual, porém, quando citam subjetividade, se referem ao sujeito aluno ou professor.

A partir da contextualização surgem as reflexões sobre como a linguagem pode afetar o outro em sua singularidade. Bakhtin e Hermann nos respondem que os sujeitos são afetados pela linguagem e que se faz necessário o entendimento da alteridade.

Geralmente os cursos EaD iniciam com fórum de apresentações e aula sobre a história da EaD, sendo assim, sugere-se que se traga o humano para a história da EaD: quem era o sujeito, o que sentia, como era seu contexto social, político e cultural, dentre outras questões. Então, após isto, sugerimos um tópico de estudo sobre relações dialógicas de alteridade. Destaca-se que esses fatores relacionados acima podem ajudar a humanizar os cursos EaD de forma que os sujeitos/alunos possam se sentir acolhidos e concluam com êxito seus cursos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2' cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem [tradução de Lahud e Vieira]. São Paulo: Hucitec, 1997b.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRAIT, B (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2494.htm. Acesso em 12 mai. 2019.

_____. **Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm#art37. Acesso em 12 mai. 2019.

_____. **Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006**. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5800.htm. Acesso em: 12 mai. 2019.

_____. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=65251-decreto9057-pdf&category_slug=maio-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em 12 mai. 2019.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2019.

_____. **Resolução nº 1** de 11 de março de 2016, estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2016-pdf/35541-res-cne-ces-001-14032016-pdf/file>. Acesso em: 12 mai.2019.

_____. **Portaria nº 275, de 18 de dezembro de 2018**. Dispõe sobre os programas de pós-graduação stricto sensu na modalidade a distância. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/56126031/do1-2018-12-20-portaria-n-275-de-18-de-dezembro-de-2018-56125835%C2%A0. Acesso em 11 mai. 2019.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HACK, J. R. **Gestão da educação a distância**. Indaial: ASSELVI, 2009.

_____. **Introdução à educação a distância**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

_____.; ALBUQUERQUE, D. A. **Afetividade na Educação a Distância**: um estudo de caso sobre o curso de Letras-Português na modalidade a distância da UFSC. *Revista Educação e Linguagens*, v. 5, p. 132-149, 2016.

HERMANN, N. **Hermenêutica e Educação**. Coleção [o que você precisa saber sobre...] Rio de Janeiro: DP & A.2002.

_____. **Autocriação e Horizonte Comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Unijuí, 2010.

_____. **A questão do outro e o diálogo**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, nº 57, p. 477-493, abr./jun. 2014a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n57/v19n57a11.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2019.

_____. **Ética e Educação**: outra sensibilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2014b.

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa, Edições 70, 2000.

_____. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Declaração de Incheon**: UNESCO, 2015.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

PRETI, O. **Autonomia do aprendiz na educação a distância**: significados e dimensões. *In*: _____. (org.). **Educação a distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/IE – UFMT; Brasília, DF: Plano, 2000.

SILVA, M. **EAD on-line, cibercultura e interatividade**. *In*: ALVES, L.; NOVA, C. (Org.). **Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade**. São Paulo: Futura, 2003.

TIBURI, M.; HERMANN, N. **Diálogo/Educação**. São Paulo: Senac São Paulo, 2014.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.